

# A REVOLUÇÃO FRANCESA DE 1789: A IGREJA E *SAIN*T-DOMINGUE

Jean Dickson Saint Claire\*

\* Mestre em História da Igreja.

## Resumo:

Neste artigo, tenho em mente duas esferas: França do chamado *Ancien-Régime* e *Saint-Domingue* (Haiti hoje), ambas têm a Revolução francesa de 1789 como denominador comum. Em relação à França a ênfase é colocada sobre a Igreja no decorrer da Revolução de 1789, considerando as suas diferentes fases nas quais ela vinha sofrendo muitas perseguições; no que diz respeito a *Saint-Domingue* o enfoque é colocado sobre os aspectos sociopolítico e econômico da revolução haitiana tendo como principal fonte a da França, desembocando sobre a Independência do Haiti em 1º de janeiro de 1804.

**Palavras-Chaves:** *Ancien-régime* (Antigo Regime): Clero; Nobreza; Terceiro-Estado; Liberdade; Igualdade; Fraternidade; Revolução; Igreja; Perseguições; *Saint-Domingue*: Brancos; Mulatos; Libertos; Negros escravos; Exclusivismo colonial; Segregacionismo racial; Escravidão.

## Abstract:

In this article, I have two spheres in mind: France of the so-called *Ancien-Régime*, and *Saint-Domingue* (Now Haiti), both having the French Revolution (1789) as the com-

mon denominator. As for France, this phenomenon was emphasized on the Church, given the different episodes of persecutions from which the latter had suffered. As for *Saint-Domingue* the particular focus was rather being placed originating mainly from that of France, which resulted in the Independence of Haiti on January 1st 1804.

**Key Words:** *Ancien-Régime* (Ancient-Regime); Clergy; Nobility; Third State; Freedom; Equality; Fraternity; Revolution; Church; Persecutions; Saint-Domingue; White; Mulattoes; Freed; Black slaves; Colonial exclusivism; Racial segregation, Slavery.

### Introdução

Lendo o pequeno livro intitulado: *Lembrar, Esquecer e Perdoar*, escrito por Paul Ricoeur, entendi que o um dos papéis da história é *criar consciência*. Quer essa seja coletiva quer individual, a consciência é fruto de uma meditação retrospectiva cujo motor é os acontecimentos que influenciaram positiva ou negativamente o percurso histórico de uma nação, de um povo, de um grupo, de uma instituição ou de uma pessoa levando em conta sempre vários fatores da vida presente. É verdade que os acontecimentos passados são *atos mortos*, porém, *mortos vivos*. Pois, se o passado nos interessa, provocando uma tomada de consciência, é porque o presente nos questiona, nos desafia de modo sério. Se hoje em dia, o mundo no qual vivemos tem fome de: Liberdade, Igualdade, Fraternidade e de Direitos, não podemos fingir que não entendemos que a Revolução Francesa de 1789 foi o ponto de partida dessa fome. Eis porque, considerando as vicissitudes pelas quais a Igreja francesa passou durante esta Revolução e a grande influência que essa teve sobre a colônia francesa de *Saint-Domingue*, fui muito interessado pelo assunto durante os três anos que acabei de passar na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma. Assim, para a obtenção do grau de mestre em História da Igreja, procurei entender melhor o assunto num quadro muito maior cujo tema foi: os *problemas da Igreja francesa desde a revogação do*

*Édito de Nantes (1685) à Revolução de 1789: seus efeitos sócio-econômicos e políticos sobre a colônia de Saint-Domingue, levando à independência do Haiti em 1 de Janeiro de 1804.*<sup>1</sup> A minha intenção nas linhas seguintes é permitir a todos que se interessam no assunto de entendê-lo melhor a través da minha pesquisa, considerando dois eixos do terceiro capítulo que foram enfatizados na tese: a Igreja francesa durante a Revolução e *Saint-Domingue*.

## I. A Igreja na Revolução.

A Revolução Francesa de 1789 continua sendo um repositório de eventos fundamentais na e para a história moderna. Sua importância se deve a uma mudança significativa com base em “Liberté, Egalité et Fraternité” (Liberdade, Igualdade e Fraternidade), que causou nas estruturas sócio-econômicas e político-religiosas quanto na França como no mundo inteiro. Assim, o historiador da Igreja que tem a intenção de compreender a sua situação durante a Revolução se vê *ipso facto* perante um conjunto de problemas: político-religiosos e sócio-econômicos que ele deve considerar a fim de melhor compreender a problemática anti-christã da Revolução, porque segundo Tocqueville: *O objetivo fundamental e final da Revolução não era como se acreditava, para destruir o poder religioso e irritar o poder político.*<sup>2</sup> Por isso, se trata de entender a razão fundamental das várias perseguições pelas quais a Igreja francesa passou durante a Revolução.

Para uma melhor compreensão, é preciso analisar os vários componentes da sociedade francesa, destacando o sistema político-religioso e socioeconômico que se estabeleceu na França com Luís XIV a partir de 1685, pela revogação do Édito de Nantes (1598),<sup>3</sup> conhecido na história sob o nome de *Monarquia absoluta por direito divino*. Trata-se de uma política religiosa exclusivista onde o monarca se sente investido em sua função política dos poderes que vem de Deus. Assim, de Luís XIV a Luís XVI, o sistema político-religioso encontrou sua máxima expressão no chamado: *Ancien-Régime* (Antigo-Regime)<sup>4</sup> onde a sociedade francesa era dividida em três ordens: Clero, Nobreza e Terceiro-Estado. Cada uma destas ordens tinha sua

<sup>1</sup> A tese foi escrita na língua francesa. Aqui ofereço uma tradução portuguesa para ajudar todos os lusófonos a entenderem com mais facilidade essa parte do trabalho.

<sup>2</sup> A. TOCQUEVILLE, *L'ancien régime et la Révolution*, Paris : Gallimard, 1967, p. 62.

<sup>3</sup> Este Édito que o rei Enrico IV publicou em 1598 não somente tinha concedido uma certa liberdade aos calvinistas, mas também tinha colocado fim às guerras de religiões entre calvinistas e católicos em França.

<sup>4</sup> Na verdade o termo *Ancien-Régime* não foi de uso durante o período antes da revolução de 1789, esse foi inventado depois da revolução pelos historiadores franceses modernos, como, por exemplo, Tocqueville, para identificar cronologicamente o período da Monarquia absoluta francesa.

função específica na sociedade. O Clero, primeira delas, se ocupava da dimensão espiritual da sociedade, da cura das almas, mas tinha também muitos privilégios socioeconômicos que o alto clero controlava ao desgosto do baixo clero; a segunda ordem privilegiada era a Nobreza, dividida em nobreza da espada e da toga, e que se ocupava da defesa da sociedade; o Terceiro-Estado, formado pela burguesia e o resto do povo, era a ordem menos privilegiada embora fosse sobre a qual a força econômica do regime se baseava. Essa era a única ordem que pagava os impostos. O Clero e a Nobreza foram isentados, gozando de enormes privilégios socioeconômicos e políticos. Eis de modo preciso e conciso o esquema da sociedade francesa no *Ancien- Régime* antes da Revolução de 1789. Ela enfrentava enormes problemas econômicos até provocar a necessidade de convocar os Estados Gerais para o 1º de maio de 1789, desembocando sobre a Revolução durante a qual a Igreja ia sofrer muitas perseguições.

De fato, sob Louis XVI, a Igreja francesa pouco antes da revolução de 1789 viveu mais ou menos pacificamente. Não obstante a espinhosa questão da tolerância dos protestantes pela publicação do Édito de 1787,<sup>5</sup> a união entre o Altar e o Trono continua sendo a centralidade da Monarquia. A Igreja continuou desfrutando de todos os privilégios. No entanto, ela não era apenas representada por seu alto clero, mantendo privilégios socioeconômicos e políticos, mas também estava envolvida pastoralmente nas Províncias pelo impenho de alguns sacerdotes. É por isso que é necessário entender as perseguições analisando as suas várias fases.

### **Primeira fase da revolução: As perseguições.**

#### **1. 1. Primeira perseguição: Assembléia Nacional Constituinte (1789-1790).**

Desde 1614, quando a regente, mãe de Luís XIV, durante a menoridade do *Rei Sol* tinha convocado os representantes das três ordens, a França não tinha visto reunir os Estados Gerais. O Clero era a única das três ordens, que organizava suas Assembléias para avaliar e controlar a eco-

<sup>5</sup> Depois da revogação do Édito de 1598 pelo chamado Édito de Fontainebleau publicado em 1685, estabelecendo a Monarquia absoluta por direito divino de Luís XIV, a situação dos calvinistas em França se complicava até a publicação do Édito de 1787 no qual o rei Luís XVI, embora fosse bom católico, reconheceu a existência dos calvinistas, concedendo-lhes certos direitos civis que tinham perdido.

nomia da Igreja no Reino.<sup>6</sup> Assim, a decisão de Luís XVI de convocar os Estados Gerais em 1 de Maio 1789 para tentar resolver os problemas econômicos mostrou claramente a gravidade da conjuntura.<sup>7</sup>

De fato, como já foi mencionado, as três ordens da sociedade do *Acien-Regime* tinham funções muito específicas. A Igreja, no seu papel de garantir e manter a vida espiritual das pessoas e como a primeira das três ordens, teve a oportunidade de abrir a Assembléia dos Estados Gerais com uma solene Eucaristia presidida pelo bispo La Fare, bispo de Nancy em Saint Louis de Versailles. Em sua homilia, para a ocasião, o prelado teve coragem de denunciar os transtornos da corte real. Foi uma surpresa e uma salva de palmas foi ouvida. Depois da celebração, a Assembléia dos Estados Gerais foi inaugurada em 5 de maio de 1789. A Nobreza foi representada por duzentos e setenta (270) membros, o Clero por duzentos e noventa e um (291), e o Terceiro-Estado por quinhentos e sessenta e oito (568). Necker, o ministro das Finanças de Luís XVI, fez um discurso bastante confuso e longo, enfatizando a vontade do rei de resolver os problemas econômicos. Após seu discurso, surge o problema da modalidade da votação. A Nobreza e o Clero queriam o voto por ordem, porque o objetivo era controlar a situação. No entanto, os membros do Terceiro-Estado queriam que o voto fosse por cabeça, porque eles eram muito mais numerosos do que as outras duas ordens. Assim poderiam ser facilitadas as reivindicações que estavam no chamado: *Listas de queixas*. No entanto as tais Listas não eram um ideal político ou uma alternativa para a Monarquia de direito divino.<sup>8</sup>

De fato, o constrangimento de Louis XVI sobre o modo de votação não era o medo de reversão de sua Monarquia, mas porque sabia em primeiro lugar que os membros do Terceiro-Estado eram uma arma afiada para o seu alvo por causa da superioridade numérica; em segundo lugar, queria respeitar os privilégios da Nobreza e do Clero. Então, ele decidiu que a votação fosse por ordem. Na sequência da decisão do rei, os membros do Terceiro-Estado entraram em negociações, assim alguns sacerdotes e nobres se juntaram a eles. As discussões começaram a

<sup>6</sup> Cf. P. BLET, *Histoire religieuse de la France. Le clergé du Grand Siècle en ses assemblées (1615-1715)*, Paris : Cerf, 1995, pp. 47-52.

<sup>7</sup> Cf. M. GUIZOT, *Histoire de la Civilisation en Europe. Depuis la chute de l'Empire Romain jusqu'à la Révolution Française*, Paris: Didier, 1861, pp. 333-360.

<sup>8</sup> Cf. A. AULARD, *Histoire politique de la révolution française. Origines et Développement de la Démocratie et de la République (1789-1804)*, Paris : Armand Colin, 1903, p. 2.

tomar um rumo sério e revolucionário. De acordo com o pedido da Nobreza, o rei pediu para que os membros do Terceiro-Estado ocupassem uma outra sala. Uma decisão que lhes permitiu ocupar o famoso salão de *Jogo da Pêla*. Na consulta, o abade Sieyès fez uma proposta importante para os membros do Terceiro-Estado, pedindo-lhes para se declarar em Assembleia Nacional a fim de fazer passar a vontade do povo. A proposta de Sieyès foi recebida por unanimidade. O Terceiro-Estado declarou-se, então, a Assembleia Nacional, em 17 de junho de 1789. Após a surpresa, Luís XVI pediu-lhes para sair da sala. Mas, Mirabeau respondeu: *Vai dizer ao rei que nós estamos aqui pela vontade do povo e não sairemos se senão à força de baionetas*.<sup>9</sup> Assim, aquela assembleia declarou-se em Assembléia Nacional Constituinte no dia 9 de julho de 1789. Durante este período de confusão os manifestantes ganharam as ruas de Paris, irritados contra a administração real de Luís XVI. E invadiram a Bastilha, a prisão do Antigo Regime, ocupando-a em 14 de julho de 1789. A tomada da Bastilha é considerada como o evento fundamental e 14 de julho a data simbólica da Revolução Francesa de 1789.<sup>10</sup>

A Assembléia Nacional Constituinte logo no início da Revolução teve a Igreja como alvo. O que fazer com esta instituição poderosa e rica e que não pagava impostos e tinha muitos privilégios na sociedade? A resposta veio de um conjunto de decisões históricas por parte da Assembléia Nacional Constituinte: 1) Abolição dos direitos feudais (4 de agosto de 1789); 2) Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (26 de agosto de 1789); 3) Confisco e venda de propriedades da Igreja (2 de novembro de 1789); 4) Supressão das ordens religiosas (13 de fevereiro de 1790); 5) Constituição Civil do Clero (12 de julho de 1790); 6) Juramento de fidelidade à Constituição Civil do Clero (27 de novembro de 1790). Assim a Igreja francesa caiu numa crise sem precedentes. A Assembléia Nacional Constituinte exigiu a assinatura da Constituição Civil de todo o clero e os oficiais da Igreja. Em tal situação, todos os bispos, exceto 4, recusaram o juramento de fidelidade à Constituição que Pio VI condenou desde Roma.<sup>11</sup> Portanto, eles procuraram refúgio em países como Inglaterra, Itália e Ale-

<sup>9</sup> «Mirabeau», em *Dictionnaire d'histoire de France*, Paris: Larousse, p. 673.

<sup>10</sup> Cf. F. DES-COSTES, *La Révolution Française vue de l'Étranger (1789-1799)*, Tours : Mame, 1897, pp. 61-94.

<sup>11</sup> Cf. G.. PELLE-TIER, *Rome et la Révolution française. La théologie et la politique du Saint-Siège devant la Révolution française (1789-1799)*, Rome : Ecole française de Rome, 2004, pp. 105-130.

manha. O baixo clero, por sua vez, foi dividido. Metade dos sacerdotes concordou em jurar sobre a Constituição, daí a expressão *sacerdotes jurados*; a outra metade, que se recusou a se curvar é chamado: *padres refratários*.<sup>12</sup> Assim, a Igreja francesa estava em terríveis e obscuras condições político-religiosas sob o domínio da Assembléia Nacional Constituinte.

<sup>12</sup> Cf. A. AULARD, *Histoire politique de la révolution française*. Op. cit., pp. 49-81.

### **1.2. Segunda perseguição: Assembléia Legislativa (1791-1792).**

Esta segunda Assembléia dominada pelos Girondins forçou o rei a fazer um juramento sobre a Constituição aprovada pelos membros da Assembléia Nacional Constituinte. Assim, Luís XVI não era mais rei por vontade divina, tendo o seu poder diretamente de Deus. Mas, de Deus pelo povo. Foi o ponto central na transformação da Monarquia absoluta de direito divino. Portanto, os Girondins como representantes da alta burguesia de Bordeaux e Nantes, assumindo o poder em 1 de outubro de 1791 até 21 de setembro de 1792, declararam guerra à Áustria, que estava a ponto de ameaçar a França revolucionária. Então, em 10 de Agosto de 1792, a Assembleia tinha que enfrentar uma revolta dos *sans-culottes*. Na sequência destes acontecimentos, ela tomou decisões drásticas. Em Paris, a partir de 2 a 4 de setembro de 1792, muitas pessoas perderam suas vidas, entre as vítimas havia 300 clérigos. Assim, a Assembléia começou a perseguir seriamente a Igreja. Se a Assembleia Constituinte tinha destruído as comunidades monásticas, a Assembléia Legislativa, por sua vez, deu carta branca para as Congregações seculares, envolvidas no ensino. Na verdade, para completar o período de governo, a Assembleia tomou duas decisões importantes: 1 - A suspensão do rei ; 2 - A convocação de uma Convenção Nacional eleita por sufrágio universal.

### **1.3. Terceira perseguição: Convenção Nacional (1793-1794).**

A decisão da Assembleia Legislativa de convocar uma convenção nacional permitiu que os girondinos (*direita*), como Brissot, Roland e Verignaud, assumissem o con-

trole da França revolucionária. A Convenção assumiu o poder em 21 setembro de 1792, e de repente declarou a abolição total da Monarquia, substituindo-a pela República. No entanto, a declaração do fim da Monarquia pela Convenção Girondina complicava a situação ideológica da Revolução. Robespierre, Marat e Danton, representantes dos jacobinos (esquerda) não queriam favorecer a questão da propriedade privada. Eles apoiaram a idéia da função social da propriedade e da centralidade da administração do poder revolucionário. Por isso, o rei tinha que morrer para acabar com a Monarquia. O que aconteceu em 21 de janeiro de 1793, Luís XVI foi guilhotinado. Após a morte do rei, foi preciso reorganizar tudo.

Para proteger as conquistas da revolução contra os inimigos, uma comissão de *salvação pública* foi fundada em 6 de abril de 1793, porque a França revolucionária estava sozinha em confronto com os monarcas europeus. No entanto, as condições bélicas da Convenção, especialmente por causa da guerra contra a Áustria e a Inglaterra, provocou a ira do povo. Os manifestantes entenderam que a situação difícil do país foi por causa dos burgueses que não visavam se não suas riquezas. Assim, os chamados: *sans-culottes* em 2 de Junho de 1793, bem armados cercaram a Assembléia pedindo que os Girondinos fossem encarcerados. Uma situação que favoreceu a esquerda francesa. Robespierre colocara todas as suas energias na balança para pôr fim aos momentos tristes e terríveis da França revolucionária. Assim, a Constituição de 1791 que simplesmente mudou o *status* da Monarquia por direito divino para o direito constitucional, já não podia garantir o *statu quo* após a morte do rei Luís XVI. Portanto, era necessário dar à França uma outra Constituição, mas desta vez democrática. Assim em 10 de julho de 1793 foi promulgada a Constituição democrática e também a convocação de um referendo legislativo. No entanto, Robespierre como representante da esquerda, começou a dirigir, formando um poder mais ditatorial do que um governo revolucionário democrático. Na verdade, até agora, a Revolução era muito mais um assunto da burguesia: os girondinos e jacobinos, em nome do povo francês. Mas a conjuntura econômica na França, ao lon-

go destas confusões piorava progressivamente. E a massa popular, aos poucos sentiu as consequências.

Outro fator que despertou o repúdio dos camponeses contra a revolução burguesa foi a sua posição anti-eclesial. Como já foi dito, não foi todo o clero que levava uma vida de libertinagem em convivência com a Monarquia. Nas periferias, a Igreja estivera muito comprometida pastoralmente, fruto do Concílio de Trento (1545-1563). Assim, os camponeses não entenderam as razões das perseguições contra a Igreja. Portanto, os agricultores do departamento de *Vendée*, parte da região administrativa de *Pays de la Loire*, levantaram-se no verão de 1793 contra a ditadura de Robespierre em particular, e contra a Revolução em geral. Daí o nome de *Guerra da Vendéia*,<sup>13</sup> que causou tantas mortes na parte ocidental da França.

Além de todas as consequências e de todos os massacres que sofreu o povo de Vendéia pelo exército revolucionário da Convenção liderado pelos jacobinos, o que nos interessa mais aqui é a hostilidade com a qual o governo agia contra a Igreja. Durante este período, do início da guerra até a morte de Robespierre em 28 de julho de 1794, e que os historiadores chamam de *o grande terror*, a Igreja conhecia todos os males do mundo. A perseguição foi tão forte que um fluxo de sangue fluiu a partir do lugar da guilhotina no Loire! Padres e freiras foram guilhotinados. A Convenção Nacional transformou-se em verdadeira inimiga da Igreja.<sup>14</sup> No entanto, como diz o ditado: *O gênio só tem um século*. Após o governo dos jacobinos pelo chamado *Coup Thermidorien* em 24 de julho de 1794, abriu-se a segunda fase da Revolução.

## 2. Segunda fase da Revolução: Convenção e Colônia.

### 2.1. Convenção Thermidoriana.

Como diz o velho ditado latino: *Sicut trãnsit gloriã mundi* (assim passa a glória do mundo). Os jacobinos conheceram também dias escuros. Sob pressão popular, os membros desse governo cujo líder era Robespierre e mais 84 simpatizantes foram presos em 27 de julho de 1794, e executados no dia seguinte. Mas, a pergunta a se fazer é:

<sup>13</sup> Cf. E. FOURNIER, *La guerre de Vendée n'aura pas lieu*, Paris : Editions Universitaires, 1988, pp. 8-11.

<sup>14</sup> Cf. F. MOURRET, *Histoire générale de l'Eglise. T.VIII : L'Eglise et la Révolution (1775-1823)*, Paris : Bloud et Gay, 1929, pp. 57-58.

por quem foram eles presos e executados? É verdade que a pressão popular tinha sido forte, mas os Jacobinos podiam, como já tinham feito antes, recorrer à violência para conseguir seu objetivo. Portanto, devemos entender que era a outra parte da Convenção, os Girondinos, que se aproveitou desta situação terrível para fazer o chamado: *Coup Thermidorien*. Substituindo a Convenção Nacional dominada pelos Jacobinos, pela Convenção Thermidoriana os Girondinos aplicaram à Revolução uma visão holística, universal. Isto é, o modelo francês resumido na trilogia: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, e que iria servir de exemplo para os outros povos. Assim os burgueses Girondinos governaram a França até o golpe de Estado que Napoleão comandou em 1799, o chamado: 18 Brumário.

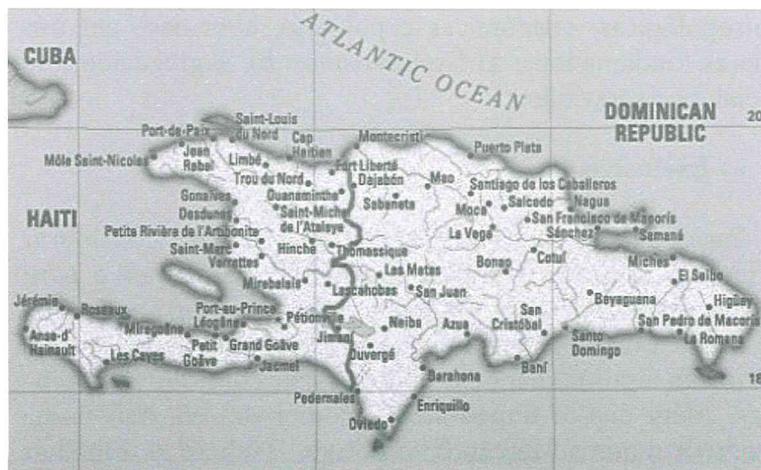
Em relação a Santo Domingo, a colônia francesa mais rica dos Caribes, embora desde o início da revolução com a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* se desse a entender que a Assembléia Nacional Constituinte iria favorecer, em nome da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, a abolição da escravidão em Santo Domingo, foi o contrário que aconteceu, pois o sistema colonial estabelecido na parte ocidental da ilha manteva viva e forte a economia francesa. Mas, no decorrer do tempo, *Saint-Domingue* ficava ciente das situações político-religiosa e socioeconômica nas quais a sociedade francesa se encontrava. Assim a sociedade colonial, nas suas diversidades, a partir de 1791, em nome da Liberdade, Igualdade e Fraternidade que a própria França proclamava, conheceu uma primeira insurreição de escravos que durou até a última batalha em 18 de novembro de 1803, desembocando na Independência do Haiti em 1º de janeiro de 1804. Vejamos.

## 2.2. *Saint-Domingue*.

À primeira vista, parece ser um erro metodológico de ordem tipológica e topológica falar sobre o Haiti fazendo uma pesquisa sobre a França. Em primeiro lugar, o erro seria tipológico porque o objeto do nosso estudo é a Igreja francesa; em segundo lugar, seria topológico porque o contexto e as conjunturas sócioeconômicos e político-religiosos apontam a França, que se encontra na Europa.

No entanto, considerando as estruturas sócioeconômicas e político-religiosas de *Saint-Domingue* antes da independência do Haiti, em 1º de janeiro de 1804, não é estranho se consideramos a Revolução francesa como o principal motor da do Haiti. Dito isto, tudo o que estava acontecendo na metrópole foi seguido de perto pela Colônia a fim de tirar o máximo benefício. Para entendermos os acontecimentos em *Saint-Domingue* é preciso, de modo preciso e conciso, lançar o olhar sobre o sistema socioeconômico e político estabelecido pela França na parte ocidental da Ilha.

Os franceses, desde o ano 1603, já estavam presentes no *Novo Mundo*, especialmente na Martinica e Guadalupe. Mas, progressivamente, a França estaria interessada numa das maiores ilhas caribenhas, *Hispaniola*. Assim eles estavam se movendo a partir de 1627 na sua parte ocidental. Portanto, era necessário desarmar os corsários que causaram muitos danos à Espanha, que, de sua parte, estava muito perplexa com a presença francesa, sua inimiga, e que tomara posse de uma grande parte do seu território. A resistência espanhola à presença francesa na ilha durou até 1697, quando, pelo *Tratado de Ryswick*, ela concordou em conceder a parte ocidental da ilha à França (Haiti hoje), mantendo a parte oriental (hoje República Dominicana), como podemos observar no mapa abaixo.<sup>15</sup>



<sup>15</sup> Esse mapa das duas repúblicas que formam a ilha foi tirado em 27/07/2014, às 09h50min (em linha): <https://www.google.com.br/search?q=Saint+Domingue>.

Se a Espanha não praticava a não ser a exploração da terra *Hispaniola* em busca de ouro; a França, ao contrário, a partir de 1697 desenvolvera uma política de atuação baseada na plantação de cana-de-açúcar, café, cacau e indigo. Para essa colonização, os franceses construíram a primeira cidade do norte da ilha, dando-lhe o nome de *Cap-français* (Cabo haitiano, hoje). O Norte, por suas vastas planícies, se transformou rapidamente na principal fonte econômica colonial. Em seguida, os franceses construíram a cidade de Petit-Goâve e Léogane, ambas se encontram no sul de Port-au-Prince. Em Léogane, eles construíram uma grande usina de cana-de-açúcar para a primeira transformação em direção à metrópole. No entanto, por causa da redução em massa na ilha das indígenas desde a chegada dos espanhóis, os franceses rapidamente entenderam que era preciso encontrar uma alternativa para alcançar plenamente a política econômica baseada na cultura de cana, tabaco, café, índigo e algodão. Era preciso achar mãos de obras capazes de trabalhar nas grandes plantações. O que fazer? Havia uma solução? Claro, a solução veio de África.

### 2.3. Sociedade colonial de *Saint-Domingue*.

A sociedade colonial que os franceses estabeleceram na parte ocidental da ilha de *Saint-Domingue* pode ser entendida levando em conta quatro dimensões principais: sociais, antropológicas, econômicas e políticas, com base em três pilares fundamentais: a) Exclusivismo ; b) Segregacionismo racial; c) Escravidão.

#### a) Exclusivismo.

Para falar do exclusivismo colonial, se deve considerar a famosa frase de Colbert: *A colônia é feita por e para a Metrópole*. Por isso, ela tinha que trabalhar apenas em favor da Metrópole. Para este fim, a colônia não podia, de forma alguma, negociar e comerciar com outras potências. Além deste impedimento comercial, ela não podia produzir o que a Metrópole produzia. Tinha que trabalhar para sustentar a Metrópole, produzindo aquilo que esta

não produzia. Por isso, *Saint-Domingue* se tornou uma fonte de riqueza para a França. Assim, a cultura de cana-de-açúcar no século XVII e XVIII se desenvolveu de uma maneira extraordinária, aumentando o prestígio da França a nível internacional, por ter em sua posse a colônia mais rica do mundo, que lhe dava açúcar, café, algodão e tabaco em grandes quantidades. No entanto, a presença da Inglaterra nas Índias Ocidentais provocava uma certa sensibilização em respeito à liberdade de comércio. De fato, a política britânica para suas colônias era diferente da de França. As colônias inglesas podiam comerciar livremente com as outras potências. O que foi proibido radicalmente pela França. Também ao nível político, os grandes brancos de *Saint-Domingue* não podiam ter o seu próprio governador. O governador colonial foi nomeado diretamente pela França para controlar a Colônia sem estar presente de forma contínua.

#### **b) Segregacionismo racial.**

O segundo problema crucial da sociedade colonial era a segregação racial. Se a sociedade metropolitana, *Ancien-Régime*, foi subdividida em três ordens: a Nobreza, o Clero e o Terceiro-Estado, a de *Saint-Domingue* foi subdividida em categorias: 1) Grandes brancos; 2) Pequenos brancos; 3) Mulatos; 4) Libertos; 5) Escravos.

Os grandes brancos chegaram na Colônia depois do Tratado de Ryswick em 1697, aproveitando a fertilidade de *Saint-Domingue* a fim de desenvolver a cultura de cana-de-açúcar. Muitos deles viviam ou em *Saint-Domingue* ou na França, enquanto controlavam a economia, como Honoré Castanet que não morava na Colônia, mas teve grandes plantações de cana-de-açúcar na Ilha. Eram, em geral, grandes fazendeiros.

Em relação aos pequenos brancos, eles não possuíam grandes plantações. Eram simples jornalistas, artesões, traficantes de escravos que circulam na Colônia em busca de oportunidades. Portanto, eles não tinham grande influência sobre a vida econômica de *Saint-Domingue*, o que gerou a inveja deles contra os grandes brancos que os consideravam como inferiores. No entanto, se os grandes brancos não fi-

cavam diretamente na Colônia, os pequenos, ao contrário, permaciavam lá, conduzindo suas vidas normais, em busca de sobrevivência.

A outra categoria eram os mulatos, filhos de uma relação sexual entre brancos e as escravas. Esses, embora fossem mulatos livres, sofreram grave preconceito racial. E se os pequenos brancos sofriam preconceito econômico dos grandes brancos, os mulatos, por sua vez, eram consideradas inferiores tanto pelos pequenos como pelos grandes brancos por causa da cor mista. Porém, possuíam propriedades que recebiam dos *colonos-pais*<sup>16</sup> e faziam parte do exército colonial.

Os libertos na sociedade colonial eram escravos que acharam graças aos olhos dos seus donos, atuando como bons filhos no relacionamento com eles. Portanto, para falar desta categoria de escravos, devemos considerar o sistema no seu conjunto. O que queremos fazer agora.

### c) Escravidão.

Quando Luís XIV em 1685 assumiu a liderança do reino, estabelecendo sua Monarquia absoluta por direito divino, como já vimos, uma das disposições da política internacional foi a promulgação do chamado *Código negro*<sup>17</sup> que regulava as situações dos escravos africanos nas colônias francesas, especialmente em *Saint-Domingue*, a mais próspera do Caribe.<sup>18</sup> Assim, o *Código negro* foi promulgado a fim de estabilizar a situação e estar no controle. Veja o que diz o rei no prólogo do código:

LOUIS par la grâce de Dieu, Roy de France & de Navarre : A tous prefens & avenir : SALUT, comme nous devons également nos foins à tous les Peuples que la Divine Providence a mis fous nôtre obéiffance, Nous avons bien voulu faire examiner en nôtre prefence les mémoires qui nous ont été envoyez par nos Officiers de nos Ifles de l’Amerique, par lesquels ayant été informé du besoin qu’ils ont de nôtre Autorité & de nôtre Justice pour y maintenir la discipline de l’Eglise Catholique, Apostolique & Romaine, & pour y regler ce qui concerne l’Ettat & la qualité des Esclaves dans nosdites Ifles<sup>19</sup>.

<sup>16</sup> Uso este termo para dizer que os fazendeiros que tiveram uma relação sexual com uma escrava da qual saíram uns filhos, os chamados: mulatos, às vezes deram terrenos em herança a estes filhos.

<sup>17</sup> O *Código negro* foi um conjunto de sessenta artigos publicados em março 1685 pelo rei Luís XIV, sobre a escravidão. Em cada artigo, o rei deu orientações sobre o tráfico de escravos nas colônias em geral e, particularmente, em Santo Domingo, a mais próspera.

<sup>18</sup> Para mais detalhes sobre a importância e a organização da colônia, Cf. J.-M. CHAMPION, «Saint-Domingue», em J. TULARD, *Dictionnaire de Napoléon*, Paris: Feyard, 1999. Vol. 2, pp. 689-691.

<sup>19</sup> LOUIS XIV, *Le Code noir ou l’Edit du Roy*, Paris: Versailles, 1685, p. 3.

De fato, o sistema era tão necessário que a Metrópole tinha que organizá-lo para proteger a vida dos escravos que morriam em grande número por causa dos abusos, dos horríveis tratamentos físicos. O que levou o rei a escrever: *O escravo é propriedade pessoal do seu dono* (Art. 4). Por isso, esse último pode tratá-lo como quiser, mas dentro das regras e princípios estabelecidos pelo *Código negro*. Agora vamos ver brevemente a organização do sistema.

Além de todas as diferenças que existiam entre os grandes brancos, pequenos brancos, mulatos e libertos que vimos acima, em relação aos escravos havia também uma hierarquia representada por três tipos de escravos: a) escravos de campos; b) escravos com talentos; c) escravos domésticos.

*Escravos de campo* eram aqueles que viviam nas plantações. Sua missão era fazer produzir os campos o quanto possível. Eles tiveram que trabalhar duro sob o controle de líderes. Esses escravos permaneceram nus ou quase nus nas plantações, perdendo assim até o direito sobre o próprio corpo. Contra o sistema, os escravos desta categoria buscavam alternativas como o suicídio, o infanticídio e fuga. Essa última foi a alternativa mais segura, porque eles podiam conduzir a luta clandestina contra os brancos nas montanhas. Temos o caso de Mackandal, um escravo fugitivo que queria levantar os negros contra os brancos. Mas em 1758 foi queimado vivo depois de uma traição.

*Escravos com talentos*, por sua vez, recebiam bom tratamento de seus donos. Estavam geralmente bem vestidos, porque o seu papel era de operar nas caldeiras das usinas para a primeira transformação da cana-de-açúcar. Assim os donos os tratavam de forma diferente.

*Escravos domésticos* eram o grupo mais privilegiado. Ficaram nas casas dos senhores para os serviços mais pessoais. Deste grupo vieram, em sua maioria, os libertos. Esta categoria de escravos, estando sob os olhos de seus senhores, podia desfrutar de algum favor: um pouco de educação, liberdade, etc. Na verdade, eles eram todos *escravos mimados*. E foi desta categoria que surgiu BREDA Toussaint, que tomou o nome de Toussaint Louverture por sua grande visão sobre a liberdade dos negros durante o período revolucionário, em *Saint-Domingue*.

### 2.3. A revolução em *Saint-Domingue*.

Como já foi mencionada, a Revolução francesa teve o seu impacto imediato sobre a Colônia de *Saint-Domingue*. Porém, quem eram os negros escravos a categoria marginalizada de *Saint-Domingue* para proclamar sua independência da metrópole? Não foi tão fácil como se poderia pensar<sup>20</sup>. Por isso vamos ver, de forma precisa e concisa, a sequência dos eventos em *Saint-Domingue* desde o início da Revolução na França.

<sup>20</sup> Cf. G. OXLEY, *La révolution des esclaves à Saint-Domingue 1791-1803*, le 26/07/2015, às 12:45 (em linha): <http://www.lari-poste.com/la-revolution-des-esclaves-saint,119.html>.

A problemática da sociedade colonial entre os grandes, pequenos brancos, libertos, mulatos e negros escravos que foi destacada acima já revelou a fragilidade na qual a sociedade colonial foi construída. Cada categoria tinha suas aspirações e reivindicações. Grandes brancos queriam liberdade econômica contra o exclusivismo colonial imposto pela Metrópole; pequenos brancos aspiravam a estar no mesmo pedestal que os grandes brancos na Colônia; mulatos queriam obter dos grandes e pequenos brancos, que os consideravam como inferiores, a igualdade civil; libertos aspiravam à integração social; e, finalmente, os negros escravos, os marginalizados da sociedade, também aspiravam à liberdade, ao fim das torturas, espancamentos e chicotes de seus donos.

Quando em 26 de agosto 1789, a Assembleia Nacional publicou a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, os mulatos como Julien Raimond, que não parava desde a década 80 de reclamar a igualdade civil completa na Colônia, colocou perante a Assembleia a questão colonial; na sequência, Vincent Ogé, outro mulato rico, depois de uma colaboração com Raimond na defesa dos direitos dos mulatos em Paris, voltou para *Saint-Domingue* em 1790, se apoiando sobre a Declaração dos Direitos de 26 de agosto, pedindo o direito de votar dos mulatos ricos na Colônia. Assim a conjuntura começou a esquentar, pois os brancos, para tomar o controle da Colônia, tinham o projeto de eliminar a classe dos mulatos, tomando posse de suas propriedades, porque muitos desses faziam parte do exército da Metrópole na Colônia e eram ricos. E a Metrópole confiava fortemente neles para controlar a situação em *Saint-Domingue*. Neste conflito

de fogo entre mulatos e brancos, os escravos iriam decidir atuar por sua liberdade. Mas, acabar com a escravidão não fazia parte do calendário da burguesia francesa, especialmente de Bordeaux e de Nantes que controlavam o comércio marítimo. Os mesmos pequenos brancos e mulatos não queriam o fim do sistema, pois a presença dos escravos aumentava os seus prestígios sociais.<sup>21</sup> É por isso que apesar da promulgação da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, pela Assembleia Nacional, a escravidão se manteve em *Saint-Domingue*. Porém, ao decorrer do tempo, o clima da sociedade colonial que era já quente naturalmente por ser tropical, se esquentou mais ainda com os interesses dos diferentes grupos em jogo. Os brancos se recusavam a reconhecer os direitos dos mulatos que a Monarquia procurava proteger a fim de boicotar as ambições dos brancos na Colônia. Então, as cartas político-econômicas que se jogavam na Metrópole entre a burguesia que controlava o comércio marítimo e a Monarquia que dependia em boa parte da força econômica da colônia de *Saint-Domingue*; na Colônia se deu entre brancos e mulatos. E quais eram os interesses dos escravos de *Saint-Domingue* nesta situação de conflito político-econômico? Como já foi mencionado, eles tinham procurado por várias formas resistir ao tratamento desumano que recebiam dos donos. Mas, a falta de organização e a falta de liderança que pudesse levar adiante os desejos de liberdade e o fim da escravidão complicavam a meta do movimento. No entanto, a conjuntura em *Saint-Domingue* entre brancos e mulatos fez acreditar aos escravos que lutar pela liberdade era sagrado.

De fato, a noite de 22 para 23 de agosto de 1791 foi decisiva. No Norte, na floresta de uma montanha chamada: *Morne Rouge*, os escravos corajosamente acreditavam que podiam tornar o sonho em uma realidade. Na companhia de um sacerdote vodu, chamado Boukman que, durante uma cerimônia em que um porco foi sacrificado, proferiu esta oração: *O Deus dos brancos inspira seus crimes, mas o nosso só nos inspira boas ações. Nosso Deus, bom para nós, nos pede de vingar as ofensas recebidas. Ele vai dirigir os nossos braços e nos ajudar.*<sup>22</sup> Após esta oração, os escravos acreditavam que o sangue do porco sacrificado podia dar-

<sup>21</sup> Cf. T. LOUVERTURE, *Lettres à la France. Idées pour la libération du peuple noir d'Haïti (1791-1798)*, Introduction et appareil critique d'Antoine M. BAGGIO et R. AUGUSTIN, Bruyères-le-Châtel : Nouvelle Cité, 2011, pp. 22-30.

<sup>22</sup> G. OXLEY, Op. cit, le 29/07/2013, à 10:25 (en ligne): <http://www.lariposte.com/la-revolution-des-esclaves-saint,119.html>.

<sup>23</sup> O significado deste canto evoca a força total na luta, os que morrem em caminho não importam, vamos, vamos até o fim.

-lhes a força necessária para combater os brancos. E todos o beberam. Força redobrada, eles gritaram: *Grenadye alaso, sa ki mouri zafê ya yo*.<sup>23</sup> De repente, toda a planície do norte foi devastada. Os escravos estavam motivados para acabar com o sistema. Mas eles precisavam de um líder militar para organizar essa luta. Assim, Toussaint Louverture foi erigido em verdadeiro comandante dos negros, abraçando a luta ao lado de outros dois generais Biassou e Jean-François. Mas os escravos começaram, apesar de sua dominação no campo, a perder o seu entusiasmo inicial, os brancos conseguiram encurtar a insurreição pela prisão de vários líderes. Considerando essa situação, Toussaint Louverture queria chegar a um compromisso com os brancos. A proposta do comandante dos negros apontou a libertação dos líderes para pôr fim ao movimento. Mas foi em vão, porque os brancos descartaram esta proposta. Assim, a luta continuou, e os olhos de *Saint-Domingue* foram fixados sobre a Metrópole para descobrir o que estava acontecendo.

Em Paris, a jornada de 10 de agosto de 1791 foi decisiva tanto para a Metrópole como para a Colônia. Pois, o fim da Monarquia era uma oportunidade para os escravos de *Saint-Domingue* atingir o seu objetivo. Sob a liderança de Toussaint Louverture, os negros de *Saint-Domingue* perceberam que as condições eram propícias para a saída do jugo da escravidão. Toussaint começou a aliar-se aos Espanhóis e Britânicos contra a França. No entanto, depois de ouvir a notícia da abolição da escravidão pelos Jacobinos, principalmente Robespierre, em 4 de fevereiro de 1794, ele fez um *volte-face* (reviravolta) apoiando a França contra os Ingleses e os Espanhóis. E os negros de *Saint-Domingue*, pela primeira vez encontraram apoio popular na Metrópole. Então, o espírito de Liberdade, Igualdade e Fraternidade estimulou os escravos liderados por Toussaint Louverture.<sup>24</sup> No entanto, a queda dos Jacobinos pelo retorno dos burgueses (o Executivo) que lucraram com a escravidão ia complicar os negros motivados para acabar com o sistema. O governo queria reorganizar *Saint-Domingue*, mantendo a escravidão. Toussaint, tentando defender a abolição da escravidão, fazia o jogo político em *Saint-Domingue* a fim de

<sup>24</sup> Cf. A. DUPONT, «Saint-Domingue», em *Dictionnaire Napoléon*, ob. cit., pp. 692-693.

evitar um retorno ao antigo sistema. Tomou a iniciativa de escrever várias cartas ao Executivo nas quais o líder teve coragem de mostrar ao governo a necessidade de abolir definitivamente a escravidão para evitar o agravamento da conjuntura na Colônia. Assim, o líder dos negros foi mal visto por ambos os lados. De um lado, os escravos começaram a censurá-lo por ter protegido os brancos e por suas boas relações com a França; do outro, o Executivo da França revolucionária entendeu que Toussaint queria alcançar a independência de *Saint-Domingue*. Mas, no fundo, ele não queria que a liberdade e a igualdade para todos. Diante de um Toussaint poderoso em *Saint-Domingue*, o Executivo buscou a solução mais adequada para reduzir o seu poder militar. No entanto, quando Napoleão Bonaparte assumiu o poder em 1801, ele aceitou a influência de Toussaint Louverture. Porém, o objetivo de Napoleão não era se não a restauração da escravidão, ao contrário de Toussaint que esperava um compromisso político reconhecendo a liberdade dos negros em *Saint-Domingue*, mantendo um status de *France d'outre-mer*.<sup>25</sup> Para isso, Napoleão nomeou o general Leclercq em 1801 com a missão de restaurar a todo custo a escravidão. Mas, diante de um Toussaint menos ingênuo, ciente do perigo, Leclercq encontrou muitas dificuldades. Leia o que ele escreveu a Bonaparte sobre a situação em *Saint-Domingue*:

Depuis que je suis ici, je n'ai eu que le spectacle d'incendies, d'insurrections, d'assassinats, de morts et de mourants. Mon âme est flétrie : aucune idée riante ne peut me faire oublier ces tableaux hideux. Je lutte ici contre les Noirs, contre les Blancs, contre la misère et la pénurie d'argent, contre mon armée qui est découragée.<sup>26</sup>

Portanto, era necessário eliminar o líder dos negros em revolta. E, em 7 de junho de 1802, Toussaint foi preso depois de responder vagamente a um convite de General Brunet para uma conversa. Toussaint foi embarcado em navio para a França e morreu em abril 1803 em Fort-de-Joux. Mas, como um sábio, Toussaint deu a entender que

<sup>25</sup> Território ultramarino da França como hoje: Martinica, Guadalupe, Guayana francesa.

<sup>26</sup> J.-M. CHAMPION, «Leclercq», in *Dictionnaire Napoléon*, ob. cit., pp. 168-169.

seu desaparecimento de *Saint-Domingue* não era o fim da luta, pois as raízes da árvore da liberdade dos negros eram numerosas e profundas.

Após a morte de Toussaint, Leclercq começou uma onda de violência, querendo restaurar a escravidão. Mas morreu logo em 1802, todavia sua morte não significou o fim da missão, pois Rochambeau, seu sucessor, prosseguiu com mesmas iniciativas: matar todos os revolucionários negros para restaurar a escravidão de acordo com o desejo de Napoleão. Muitos negros morreram sob o comando de Rochambeau. Um detalhe significativo a destacar é: apesar da violência de Rochambeau os chefes dos negros e mulatos não forneceram grande apoio aos pobres escravos que lutaram e morreram queimados vivos como animais. Essa atitude, segundo alguns historiadores, se explica pela esperança de que se poderia chegar a um acordo com a França em relação ao fim da escravidão de modo definitivo. A gota d'água que fez transbordar o vaso foi a notícia da restauração da escravidão em Guadalupe. Segundo uma lenda, a notícia chegou aos ouvidos dos revolucionários de *Saint-Domingue* pela bravura de um grupo de negros que estavam para chegar da África a bordo de um navio. Alguns conseguiram escapar ao se jogar no mar trazendo a notícia em *Saint-Domingue*, que a Metrópole tinha restaurado a escravidão. Ao ouvir essa inesperada notícia, *Saint-Domingue* tornou-se um campo de batalha. Os líderes mulatos Pétion e Clairvaux entenderam que o tempo de liberar a ilha do jugo da escravidão chegara. Assim se juntaram ao grande guerreiro Dessalines, que substituiu Toussaint Louverture na liderança dos negros. Dessalines massacrava todos os brancos que encontrava pelo caminho. Diante de um líder militar tão forte, Rochambeau pediu a Napoleão para mandar 35.000 soldados para concluir com êxito a guerra. No entanto, Napoleão enviou-lhe apenas 10 mil que morreram em grande número na luta. Nesta altura da guerra, Dessalines entendeu que para pôr fim à escravidão era *conditio sine qua non* abandonar a visão política de Toussaint Louverture. Para ele, a guerra não devia apenas visar à liberdade e à igualdade, mas também à completa independência de *Saint-Domingue* da France.

Para isso, junto com os mulatos, decidiu lançar em 18 de novembro de 1803 uma ofensiva chamada: *Bataille de Vertières* contra o *Cap français*.<sup>27</sup> Rochambeau, por sua vez, percebeu que não podia mais ficar na ilha, e finalmente a deixou em 29 de novembro de 1803. Esta foi a vitória do exército composto de negros e de mulatos contra a grande potência europeia que era a França de Napoleão. E, em 1º de janeiro de 1804, foi publicada a Independência de *Saint-Domingue*, a primeira república negra do mundo sob o nome de *Haiti*, filha da Revolução francesa, como disse Castine em uma carta ao rei francês sobre o Haiti:

Sire, c'est un français, ami de la justice et de la Patrie, qui vient, en ce jour, vous révéler d'importantes vérités. Puisse ma faible voix n'être point étouffée par celle des méchants qui vous entourent, et apprendre afin que la république d'Haïti, fille de la révolution française offre au monde le spectacle consolateur d'une population nombreuse qui jouit en paix et avec modération les bienfaits de la liberté et de l'indépendance nationale.<sup>28</sup>

## Conclusão.

Enfim, a minha intenção nestas páginas era, *a fortiori*, permitir a todos de compreender de maneira precisa e concisa os impactos da Revolução francesa tanto sobre a Igreja quanto sobre a Colônia de *Saint-Domingue*. Vimos que a convocação dos Estados Gerais por Luís XVI foi uma decisão extrema do rei, porque a última vez que esses foram convocados foi em 1614 sob a regência da mãe de Luís XIV. Portanto, a convocação revelou a complexidade das situações socioeconômicas e políticas do regime. Essas situações também tiveram os seus efeitos diretos sobre a Igreja. Pois essa, como vimos, manteve uma posição privilegiada na sociedade do *Ancien-Régime*. Assim as diversas perseguições contra a Igreja durante a Revolução não eram essencialmente religiosas. Nem a luta dos iluministas, sobretudo Voltaire através da

<sup>27</sup> A primeira cidade construída pelos franceses no Norte do país onde Rochambeau tinha colocado sua base militar.

<sup>28</sup> V. D. GASTINE, *Lettre au Roi sur l'Indépendance et sur l'abolition de l'esclavage dans les colonies françaises*, Paris : Chez les marchands de nouveautés, 1821, pp. 4-5.

<sup>29</sup> Essa religião natural dos iluministas supervalorizava a razão humana contra o Cristianismo com os seus Dogmas revelados.

promoção do Deísmo como religião natural,<sup>29</sup> conseguiu extirpar da sociedade francesa a religião da sua história. Isso é tão óbvio que a proposta de transformar os Estados Gerais em Assembleia Nacional veio de um eclesiástico, abade Sieyès, e a homilia crítica do Bispo La Fare, Bispo de Nancy, na Igreja de Versalhes. A abertura dos Estados Gerais nos ajudam a entender que as desastrosas perseguições pelas quais passou a Igreja durante a Revolução foram antes de tudo sociopolíticas e econômicas. Para acabar com as suas prerrogativas econômicas e privilégios sociopolíticos, os burgueses da Revolução entenderam que era preciso atacá-la de forma radical. Isto é, o problema fundamental não era a descristianização da sociedade francesa que os filósofos iluministas vinham apoiando. Além disso, uma revolução que tinha como principal slogan *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* não podia, de forma alguma, ser incompatível à mensagem do Evangelho. Assim entendemos com o historiador professor de História da Igreja, o jesuíta Giacomo Martina, que a Revolução francesa embora tivesse mostrado um rosto monstruoso contra a Igreja, não foi na sua essência diabólica. Isto é tão verdade que ela foi o grande estimulador, despertando a consciência dos negros em *Saint-Domingue*, para acabar, sim, com o sistema diabólico onde a força da pessoa humana não era se não fonte econômica para a França.

De fato, tanto para a Igreja quanto para *Saint-Domingue*, a Revolução francesa deve ser abordada de uma forma dialética, pois não existe uma revolução espontânea. Essa sempre é consequência dos caminhos errados e das opções erradas que os governantes escolhem a desgosto dos governados. Porém, muitas vezes, as revoluções não partem dos mais marginalizados e dos mais sofridos, embora a vontade, a coragem e a força destes possam ser usadas. Dito isso, a Revolução francesa foi, sim, o grande despertador de consciência em *Saint-Domingue*, mas tanto na Colônia quanto na Metrópole, a Revolução não foi encabeçada pelos marginalizados. É verdade que no caso de *Saint-Domingue*, os negros escravos faziam resistência pelo chamado: *marronage*, nas florestas, nas montanhas

bem antes do início dos acontecimentos na Metrópole. Porém, foram sempre derrotados, mortos queimados vivos. A violenta morte do Mackandal, o escravo que queria comandar a resistência, é o exemplo desta grande dificuldade dos escravos em mudar o *statu quo* em *Saint-Domingue*. Assim podemos dizer que 1º de janeiro de 1804 foi possível não somente pela vontade e força dos negros escravos motivados para lutar em nome da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, mas também pelo grande apoio dos mulatos ricos que entendiam que os brancos de *Saint-Domingue* não queriam reconhecer os seus direitos. Então, a pergunta que deixamos é a seguinte: Se as reivindicações dos mulatos como Julien Raimond e Vincent Ogé fossem satisfeitas, os negros escravos de *Saint-Domingue* teriam feito o 1º de janeiro de 1804?